



Uso(s) de *quando* na linguagem culta do Português Brasileiro

Vanessa Pernas Ferreira

Mestranda - UFRJ
nessa_ufrj@yahoo.com.br

Resumo: O item *quando*, há bastante tempo, vem sendo usado com outros valores além do temporal na sintaxe da língua portuguesa. Sendo assim, pretende-se, neste trabalho, inventariar os diversos valores e usos deste item, buscando demonstrar sua grande produtividade e ainda a grande dificuldade em analisá-lo. Serão analisados 160 textos de língua escrita do português do Brasil, dos séculos XX e XXI, distribuídos pelos seguintes gêneros textuais: editorial, anúncio e notícia. Os dados serão analisados de maneira qualitativa à luz dos pressupostos teóricos do Funcionalismo norte-americano.

Palavras Chave: Sintaxe. Conector. Quando. Funcionalismo.

1. Introdução

Com base na teoria funcionalista, entende-se gramaticalização como o processo que leva itens lexicais e construções sintáticas a assumir funções referentes à organização interna do discurso, ou seja, itens que antes eram considerados como parte do léxico tornam-se elementos gramaticais, passando a fazer parte do âmbito da gramática. Tal processo é unidirecional, isto é, vão sempre do léxico para a gramática e, uma vez gramaticalizados continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

Acredita-se, ainda, que, se o conteúdo semântico de uma forma lingüística pode servir a propósitos metalingüísticos referentes à organização do texto de modo relativamente natural, essa forma lingüística tem potencial para sofrer gramaticalização.

Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo inventariar os diversos valores e usos do item *quando*, buscando demonstrar sua grande produtividade, bem como a grande dificuldade em analisá-lo, uma vez que a maioria dos gramáticos tende a considerá-lo como uma conjunção de valor prototipicamente temporal.

Segundo Aristóteles, grande pensador da Antiguidade, uma conjunção não simplesmente significa (*semaínei*), mas cossignifica (*syssemaínei*), ou seja, ela não tem valor autônomo, mas somente por meio de sua relação com as orações ou partes de orações recebe seu verdadeiro conteúdo. Dessa forma, observaremos, neste trabalho, quais os contextos que podem estar favorecendo as alterações semânticas que o item *quando* vem sofrendo.

Para tal, partiremos da hipótese de que o item *quando* possui múltiplos usos na linguagem culta e há muito deixou de ter apenas o valor de conjunção subordinativa temporal. Buscando a comprovação desta hipótese, usaremos dois *corpora* distintos, compostos de editoriais, notícias e anúncios de jornais de diferentes épocas e de dois séculos: XX e XXI.

Vale ressaltar ainda que o presente trabalho será muito mais qualitativo do que quantitativo e que, por isso, fará muito mais especulações e apontamentos do que fornecerá conclusões propriamente ditas.

2. A palavra dos gramáticos

A grande maioria dos gramáticos dedica um capítulo de suas gramáticas à chamada classe das conjunções, mas, normalmente, o que se vê é uma breve conceitualização e a listagem das conjunções separadas de acordo com seu “valor” na oração. No entanto, alguns desses gramáticos fazem observações interessantes acerca dessa classe, conforme veremos a seguir.

Rocha Lima (2001, p. 184) considera as conjunções como palavras que relacionam entre si elementos de mesma natureza, como dois substantivos, ou duas orações de diferente natureza, de maneira que aquela começada por conjunção completa a outra.

É interessante ressaltar ainda que ele considera que o *quando* pronome relativo funciona exclusivamente como adjunto adverbial de tempo. Aliás, para o autor, o item *quando* pode ser considerado como “a mais geral das partículas”, porque dentro da oração subordinada temporal, ele é usado para exprimir a ocasião em que se passa um fato de maneira mais ou menos vaga.

A definição de conjunção apresentada por Cunha e Cintra (2001, p. 579) é parecida com a de Rocha Lima. Para os autores, conjunções são vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. Aquelas que relacionam termos ou orações de mesma função são ditas coordenativas e as que ligam duas orações em que uma das quais determina ou completa o sentido da outra são chamadas subordinativas.

Os autores mencionam ainda o fato de algumas conjunções poderem ser polissêmicas, ou seja, poderem pertencer a mais de uma classe. Nesse caso, o valor da conjunção estaria condicionado ao contexto em que esta se insere, podendo haver casos de ambigüidade, pois existem circunstâncias fronteiriças, como o fim e a consequência. No entanto, dentre as conjunções consideradas por eles como polissêmicas não podemos encontrar o *quando*.

Bechara (2001, p. 319) considera as conjunções como unidades que têm a função de reunir orações em um mesmo enunciado. No entanto, usa uma nomenclatura diferente para distinguir conjunções coordenativas e subordinativas.

Para o autor, as conjunções coordenativas reúnem orações pertencentes a um mesmo nível sintático, independentes umas das outras e que podem aparecer em enunciados separados, por isso, são consideradas conectores.

A conjunção subordinada, por sua vez, tem a função de assinalar que, uma oração que poderia ser sozinha um enunciado, está inserida num enunciado complexo em que perde a característica de independente, passando a exercer a função de palavra. Desse modo, este tipo de conjunção é um transpositor porque passando à função de palavra, está num nível inferior dentro da estruturação gramatical.

Luft (1983, p. 141) apresenta informações interessantes acerca do item *quando*. Para ele, conjunção é a palavra gramatical invariável que estabelece coordenação ou subordinação entre dois membros de uma oração, entre uma palavra e uma oração, entre duas orações e considera ainda que essa interligação pode ocorrer entre dois períodos.

Segundo ele o *quando* é uma conjunção prototipicamente temporal que introduz orações subordinadas temporais desenvolvidas, mas essas orações, na verdade, seriam derivadas de adjetivas as quais se suprime o antecedente. Considera ainda que o *quando* é, na verdade, um pronome relativo sem antecedente. Pronome este que equivaleria a “em que” quando precedido de palavras de tempo.

Como vimos acima, é ponto pacífico entre os gramáticos que cabe à conjunção a função de ligar orações. Os gramáticos concordam ainda que o item *quando* é uma conjunção estritamente temporal, embora alguns deles já considerem algumas peculiaridades em relação a ele.

3. A palavra *lingüistas*

Para os *lingüistas*, o tratamento dado à conjunção é um pouco diferente, veremos que a grande maioria a considera não apenas um elo de orações ou períodos, mas um instrumento de grande valor na sintaxe da oração.

Ao apresentar as orações subordinadas, Azeredo (2000, p. 229) caracteriza o item *quando* como a mais usada das conjunções. Para o autor, a conjunção, quando usada no seu sentido próprio de momento, ocasião, época, indica que dois fatos coexistem no tempo.

Segundo o autor, há uma série de conjunções temporais que permitem subdividir as subordinadas temporais em orações com tempo simultâneo ou durativo, tempo simultâneo freqüentativo, tempo posterior imediato, tempo posterior durativo, tempo anterior durativo e tempo simultâneo pontual. No entanto, o item *quando* não é usado para exemplificar nenhum destes casos, o que leva a pensar que este é um item neutro, que não possui marcas definidas e, por isso, não pertence a nenhuma das subdivisões temporais feitas pelo teórico.

Para Carone (1994, p. 54), as conjunções são palavras instrumentais que, na frase, não exercem as funções descritas pela gramática tradicional, mas na verdade funcionam como fatores de conexão em várias “circunstâncias articulatórias”.

As conjunções, para a autora, unem-se aos verbos, formando com eles um sintagma conjuncional, nome dado por ela ao que a tradição chama de oração subordinada. Esse sintagma conjuncional opera em seguida a articulação do conjunto da oração com um termo exterior, que a tradição chama de oração principal.

A autora considera ainda o pronome relativo como um termo de dupla face que, na oração pode exercer a função de nome e sendo também pronome repete anaforicamente o conteúdo semântico de uma palavra anterior. Enquanto a conjunção tem apenas a função oracional, o pronome relativo exerce função intra-oracional.

Neves (2000, p. 787) considera que a análise das orações temporais pode ser representada pela análise das conjunções iniciadas por *quando*, pois esta seria a principal conjunção temporal.

A autora considera ainda que as orações temporais podem apresentar “relações de tipo lógico-semântico associadas à relação temporal que se estabelece entre orações”. Para ela, essas relações são licenciadas por conectores neutros, como o *quando* e deve-se levar em conta o tempo e o modo verbal empregado em cada uma dessas orações.

Podemos explicitar, com Neves (2000), três relações lógico-semânticas que podem ser estabelecidas com o item *quando*:

- I. Relação temporal com sentido causal;
- II. Relação temporal com sentido condicional;
- III. Relação temporal com sentido concessivo.

O primeiro caso estaria ligado ao aspecto perfectivo, o segundo poderia ser dividido em eventual e factual, e o terceiro estaria relacionado ao aspecto imperfectivo.

Decat (2001, p. 123) considera que o item *quando* exerce função em todas estas relações lógico-semânticas por estar passando por um processo de “esvaziamento semântico”. Tal processo é comum na língua oral, mas já tem sido observado também na língua escrita.

Segundo a autora, poderíamos considerar a existência de dois itens lexicais distintos, a que chama de *quando 1* e *quando 2*, e cada um destes estaria veiculado a significados distintos, como causa ou condição.

Para ela, essa perda de significação do conectivo colabora para a postulação de que a relação adverbial não é dada pelo conectivo, mas sim pela proposição relacional que existe entre as orações (a que chama cláusulas), reforçando a importância de uma análise não apenas sintática, mas também semântica, levando em conta as inferências do leitor.

De acordo com Decat (2001), além das relações entre temporalidade e condição, existem também as relações de concessão/condição, causa/condição e concessão/exclusão.

A autora ressalta ainda que Góis (1955) trata dessa questão do esvaziamento semântico de forma indireta. O autor admite a “ubiquidade” das conjunções, isto é, o fato de estas poderem ter mais de uma classificação. Para Decat (2001), essa postura decorre do fato de o autor ter percebido a possibilidade de inferências em cláusulas iniciadas por um único tipo de conjunção.

Diante disso, podemos observar que alguns lingüistas já notaram a possibilidade de haver mais do que uma classificação para um mesmo item. Há, no entanto, uma divergência de nomenclatura: alguns autores consideram o *quando* uma conjunção, outros o chamam de conectivo, outros de operador. Neste trabalho optou-se por chamá-lo de conectivo.

4. Análise dos corpora

Para a comprovação da hipótese de que o conector *quando* possui múltiplos usos na linguagem culta do português do Brasil serão usados dois corpora distintos.

Os dois corpora são formados por textos jornalísticos de dois séculos: XX e XXI. Os textos do século XX fazem parte do corpus do projeto VARPORT, disponíveis no site www.letras.ufrj.br/varport. Já os textos do século XXI foram retirados do jornal *O Globo* entre os dias 31/05/2006 e 14/06/2006.

Foram selecionados textos de três gêneros textuais: editoriais, anúncios e notícias. Os dois primeiros privilegiam a argumentação e procuram persuadir, de alguma forma, o leitor. O terceiro é mais narrativo, busca a imparcialidade e procura simplesmente apresentar os fatos para o leitor.

Sendo assim, os corpora são formados por 160 textos, 80 deles selecionados do corpus do projeto VARPORT, distribuídos em 20 anúncios, 12 editoriais e 48 notícias. E os outros 80 textos, selecionados do jornal *O Globo*, divididos também em 20 anúncios, 12 editoriais e 48 notícias.

Da análise destes 160 textos foram encontradas 75 ocorrências, distribuídas conforme a tabela abaixo:

	Século XX	Século XXI
Notícias	24	16
Anúncios	3	6
Editoriais	15	12
Total	42	34

Vê-se que o gênero textual onde há menor número de ocorrências é o anúncio, provavelmente pelo fato dos textos serem menores e, na busca por um maior dinamismo, apresentarem muito mais casos de coordenação do que de subordinação.

Esta também pode ser a explicação para o fato de o número de ocorrências terem diminuído do século XX para o XXI. As pessoas hoje estão mais atarefadas e com menos tempo para ler, os jornais então procuram ser cada dia mais dinâmicos, usando mais enumeração do que concatenação de idéias.

Verificamos também os possíveis valores semânticos dos conectivos encontrados, conforme apresentaremos na tabela a seguir:

	Século XX	Século XXI	Total
Temporal	30	23	53
Condicional	7	8	15
Causal	2	1	3
Concessiva	1	1	2

Conforme podemos perceber no quadro acima, muitos são os valores semânticos do conectivo *quando*. O valor temporal continua a ser prototípico tanto no século XX quanto no século XXI, mas já podemos encontrar um grande número de orações condicionais encabeçadas por este conector.

No entanto é importante ressaltar que nos casos de valor semântico condicional, causal e concessivo podemos encontrar ainda nuances de temporalidade.

Tal situação é prevista pelo Funcionalismo. Acredita-se que quando determinado item está começando a passar por um processo de gramaticalização, ao receber um novo sentido, ele tende a carregar em si o sentido anterior. Segundo os princípios de Hopper (*apud* Heine, 2003), tal fato recebe o nome de princípio da persistência, ou seja, um novo sentido sempre traz em si a marca de um sentido antigo.

Acreditamos ainda que o gênero textual poderia influenciar na escolha do conectivo. Os de valor semântico temporal apareceriam mais em notícias enquanto os de valor semântico causal, condicional e concessivo estariam mais relacionados a gêneros argumentativos como o anúncio e o editorial. Apresentamos a seguir a distribuição dos valores do conectivo *quando* pelos três gêneros textuais analisados:

	Notícia	Editorial	Anúncio	Total
Temporal	33	16	4	53
Condicional	6	7	2	15
Causal	1	2	0	3
Concessivo	1	1	0	2

O quadro acima parece confirmar nossa hipótese de que o gênero textual pode influenciar no valor semântico do conectivo *quando*. O uso do valor temporal é preferencial nas notícias, já o condicional e o causal, apesar dos poucos dados, parecem ser preferenciais nos editoriais. Devido à escassez de dados no gênero anúncio, não se pode fazer nenhuma afirmação em relação a este, mas o caráter persuasivo do gênero parece também influenciar no valor semântico do conector *quando*.

Vejam os exemplos encontrados em cada um dos valores semânticos. Vale ressaltar, porém que, conforme afirmamos acima, a nuance de temporalidade ainda pode ser sentida em cada um deles.

1. Valor Temporal:

O valor prototípico, que apresenta o maior número de casos é também o que apresenta menor dificuldade de interpretação. Os enunciados encontrados apresentam, na sua maioria, um valor temporal explícito:

No enunciado:

*“Os choques foram os mais graves incidentes do gênero desde os distúrbios urbanos ocorridos em toda a França em novembro, **quando** mais de nove mil veículos e dezenas de prédios públicos foram incendiados por multidões de jovens amotinados.”*

(O Globo, 31/05/06 – NOTÍCIA)

Podemos perceber que a oração adverbial faz referência ao fato ocorrido no mês de novembro, numa conexão explicitamente temporal.

O mesmo ocorre em:

*“De acordo com os cálculos da ministra da economia, Zélia Cardoso de Mello, a reforma deverá representa rumo economia para o governo de US\$ 2 bilhões que começam a ser contabilizados segunda-feira, **quando** o funcionalismo volta as repartições.”*

(VARPORT – E-B-94-Jn-022 - NOTÍCIA)

2 . Valor condicional:

Os enunciados cujo valor semântico do conectivo *quando* parecem oferecer ao leitor uma condição do tipo “se p, então q”, ou seja, “se tal situação ocorrer então terá como consequência tal fato”, conforme veremos no enunciado a seguir:

*“O Brasileiro adora acompanhar futebol. **Quando** tem Copa do Mundo então, nem se fala”.*

(O Globo, 04/06/06 – ANUNCIO)

A princípio podemos ver um sentido temporal na segunda oração, mas, esta pode ter o valor de condição se interpretarmos que o brasileiro adora acompanhar futebol, principalmente se tem Copa do Mundo. Nesse caso o valor condicional fica claro.

3. Valor Causal:

Este valor também é pouco explícito, a relação é muito mais semântica do que sintática e é preciso que se faça inferências ao texto, como veremos no exemplo abaixo:

*“Também nós sentimos o frêmito da indignação e do horror, **quando** a devastação,o incêndio, nas principais ruas desta capital e de São Paulo iluminava com seus rubros clarões o sedição lemma da ‘Ordem e progresso’”.*

(VARPORT – E-B-91-Je-004 – EDITORIAL)

Vemos aí também, a princípio, um valor temporal, mas, podemos inferir que a o editor sentiu indignação e horror porque viu o incêndio e a devastação das ruas da capital, sendo assim, poderíamos interpretar a oração como causal.

4. Valor Concessivo:

Dos valores encontrados, este é o mais sutil, e por isso, o mais difícil de ser interpretado. Nesse caso o valor temporal é ainda muito mais forte e também é necessário que se faça algumas inferências:

*“O Inmet já registrou em junho mais de 300 mm de chuva, **quando** a média é de 180 mm”.*

(O Globo, 13/06/06 – NOTÍCIA)

O enunciado poderia ser considerado estritamente temporal se não houvesse nele uma quebra de expectativa, característica da oração concessiva.

Conforme pudemos perceber acima, seja através de nuances ou não, podemos notar que o conectivo *quando* já não apresenta um valor unicamente temporal. Observamos nas

orações encabeçadas por ele algumas características de outras orações subordinadas, além da temporal.

5. Será este um caso de gramaticalização?

Já afirmamos anteriormente que gramaticalização é o processo pelo qual um determinado item lexical passa a elemento gramatical e, tornando-se parte da gramática, tende a se tornar cada vez mais gramatical. Tal processo é uma manifestação do caráter não-estático da gramática, pois demonstra que as línguas estão em constante mudança em consequência da constante busca por novas expressões que, assim sendo, nunca se encontram totalmente estruturadas.

O processo de gramaticalização é lento e unidirecional, ele acontece sempre do léxico para a gramática, nunca de modo contrário, é ainda um processo formado de muitas etapas que nem sempre são percebidas. Ele decorre de pressões da língua e na sua maioria está relacionado a frequência de uso do item, o que faz com que ele sofra desgastes e consequentemente receba novas funções, ou seja, quanto mais freqüente é uma forma na língua, mais probabilidade ela tem de se gramaticalizar.

Ao observarmos o conectivo *quando*, podemos verificar que ele é um item de grande frequência na língua. As orações subordinadas temporais, na sua maioria, são encabeçadas por ele e parece que já está recebendo novas funções, conforme verificamos com a análise dos dados feita anteriormente.

Neves e Braga (1998), ao observarem as construções de tempo e condição afirmam que se duas categorias deferem uma da outra pelo fato de que uma expressa relação temporal e a outra relação “lógica” a última é mais gramaticalizada. Assim sendo “é possível estabelecer, por exemplo, CAUSA e CONDIÇÃO como categorias que são mais gramaticalizadas do que TEMPO”.

Dessa maneira, se causa e condição são categorias mais gramaticalizadas que tempo então a passagem do *quando* de conectivo temporal a conectivo condicional – e em alguns casos causal – seria um caso de gramaticalização?

Será ainda que as alterações semânticas ocorridas no uso deste conector estão influenciando diretamente nesse processo? A presença de valores semânticos diferentes em gêneros textuais distintos também poderia ser uma evidência de que o conectivo *quando* está passando por um processo de gramaticalização?

A resposta para tais perguntas exige um estudo mais amplo e apurado, em que haja não apenas uma observação diacrônica, mas também de diferentes gêneros textuais.

O presente trabalho procurou apenas provar que o conectivo *quando* merece uma maior atenção, uma vez que já não se comporta como simplesmente uma conjunção temporal.

Por ora, consideremos apenas o item como um elemento com forte tendência a estar passando por um processo de gramaticalização, mas esperemos que, no futuro tenhamos dados suficientes para fazer tal afirmação.

6. Conclusão

Conforme pudemos observar no decorrer deste trabalho, o conectivo *quando* merece atenção especial, uma vez que seu comportamento tem mudado e seu valor semântico tem deixado de ser unicamente temporal.

Com a análise dos *corpora*, foi possível verificar que o conector pode encabeçar não apenas as orações subordinadas temporais, mas também as condicionais, causais e, mesmo que sutilmente, as concessivas. Podendo ainda funcionar como pronome relativo.

É fato que o que verificamos são apenas valores semânticos, nuances de condicionalidade, causalidade e concessão. O valor temporal ainda é prototípico e pode ser facilmente observado em todas as orações, mas pudemos perceber que, através de inferências e de uma observação que seja pautada não apenas no critério sintático, mas também no semântico, é possível encontrar outros valores para o conectivo.

Ainda é bastante cedo para afirmar, através do funcionalismo que este é um item que está passando por um processo de gramaticalização, mas acreditamos que este trabalho foi um primeiro passo para esta afirmação.

Agora se faz necessário uma observação ainda mais apurada do conectivo, é possível que ele possua outros valores e outras funções dentro da gramática do falante. É necessário observar outros tipos de texto, presentes em outros gêneros textuais, é necessário ainda que se observe a modalidade oral da língua porque é nesta que emerge a mudança e é através da observação dela que a gramática varia.

No momento é interessante afirmar que foi possível observar diversos valores para um mesmo conectivo e que se comprovou, assim, a hipótese de que, na linguagem escrita culta, o conectivo *quando* deixou de ter o valor estritamente temporal.

Referências

ALMEIDA, Vanessa Chaves de. *Outros valores do conectivo quando*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. *mimeo*. Trabalho final de curso.

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. RJ: Jorge Zahar Editora, 1999.

BARRETO, Therezinha Maria Mello. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1999. *mimeo*. Tese de Doutorado.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37a ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 4 ed. SP: Ed. Ática, 1994.

CASTILHO, A. A gramaticalização. In: *Estudos lingüísticos e literários* 19: 25-64. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da UFBA, 1997.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português contemporâneo*. 3 ed. RJ: Nova Fronteira, 2001.

DECAT, Maria Beatriz do Nascimento. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: Decat, Maria Beatriz Nascimento *et alii* (orgs.). *Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista*. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura; BRAGA, Maria Luiza. Hipotaxe e gramaticalização: uma análise das construções de tempo e condição. *Delta*, vol.14. São Paulo, 1998.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. SP: Unesp, 2000.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 33 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.